



50 réis

Coimbra, 10 de janeiro de 1910

# A FARÇA

Quinzenario illustrado

Numero { Portugal — 50 réis  
avulso { Brazil — 400 réis (moeda fraca)

## ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias . . . . . 600 réis  
Brazil . . . . . (moeda fraca) 3\$800 »  
Estrangeiro . . . . . 5 francos

Por virtude da irregularidade que as ferias trazem, ainda *A Farça* não tomou a ordem que pretendiamos imprimir-lhe, e que só poderá ter a partir do numero proximo. As festas do Natal e Anno Bom atrazaram em muito a gravura; dos originaes annunciados só podemos hoje publicar os recebidos até 31 de Dezembro. Todos os outros tiveram que passar para o n.º 3, visto as gravuras que os illustram só tarde haverem chegado a Coimbra.

Ainda defeitos e lacunas, inevitaveis nos primeiros numeros, não poderam neste ser evita dos. A redacção d'*A Farça* põe entretanto todo o seu cuidado para que em breve todos esses defeitos desapareçam e a revista possa aparecer tal qual nós desejamos que ella saia.

Mas apesar de tudo, muitos jornaes portuguezes foram para conosco duma amabilidade extrema, já nas suas referencias á *Farça*, já nas palavras com que quizeram distinguir os seus directores. Vai para todos a nossa gratidão pelo carinho dispensado a esta revista.

*São nossos obsequiosos correspondentes no Brazil:*

NO RIO DE JANEIRO:

o sr. Carlos de Azambuja, rua do Hospicio, 13.

NO PARÁ:

o sr. Augusto Marques Coelho, Travessa da Industria, 4.

EM S. PAULO:

o sr. Dr. Antonio Augusto, illustre professor.

## Concurso de cartazes artisticos

Num dos proximos numeros abriremos um concurso de cartazes artisticos para diversas casas commerciaes e a que concorrão artistas nacionaes e estrangeiros.

Iniciará esta serie de concursos uma casa de Lisboa, muito conhecida pelas grandes transações que effectua e pela sua ousada iniciativa.

## ANNUNCIOS

|                    | Em um só numero | Por serie de 12 numeros |
|--------------------|-----------------|-------------------------|
| 1 pagina . . . . . | 3\$000 réis     | 25\$000                 |
| 1/2 » . . . . .    | 1\$800 »        | 15\$000                 |
| 1/4 » . . . . .    | 1\$000 »        | 10\$000                 |
| 1/5 » . . . . .    | 800 »           | 8\$000                  |
| 1/8 » . . . . .    | 600 »           | 5\$000                  |
| 1/10 » . . . . .   | 450 »           | 4\$000                  |
| 1/16 » . . . . .   | 350 »           | 3\$000                  |

Tiragem: 3000 exemplares

## Nos proximos numeros:

Chronicas de João Chagas;  
Artigos de:

Annibal Soares, Alfredo Mesquita, Camara Lima, Antonio de Monforte, Alberto Monsaraz, João Correia de Oliveira, Luis de Camara Reys, Hippolyto Raposo, Eduardo de Carvalho, M. Cardoso Martha, Carneiro de Moura, J. Lobo d'Avila Lima, Canavarro Valladares. Mario Beirão, Alfredo Guimarães, Affonso Duarte, Augusto Casimiro, Ramada Curto, Augusto Pinto, Feliciano Santos, João de Lebre e Lima, João Figueiredo, Sousa Costa, Ladislau Patricio, Candido Guerreiro, etc.

Desenhos de:

Manoel Gustavo, Virgilio Ferreira, José Campas, João de Brito, Christiano Cruz, José de Meyra, Emilio Martins, João Valerio, Mario Pacheco, etc.

Toda a correspondencia relativa á parte litteraria, e em geral á redacção d'*A Farça*, deve ser dirigida ao Director litterario, R. de Sub-Ripas, 26 — Coimbra.

A correspondencia relativa á parte artistica deve ser dirigida ao Director artistico, R. Alexandre Herculano, 7.

## MERCEARIA LUZITANA

*Gaitto & Cannas*

1, Rua do Cego, 7 — COIMBRA

Especialidade em

**Chá, café e vinhos finos**

Deposito dos vinhos da

**Real Companhia Vinicola**

e da

**Associação da Bairrada**

**Materiaes de construeção**

Agencia de seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8

# A FARÇA

COIMBRA, 10 DE JANEIRO DE 1910

Director artistico — Luiz Filippe  
Direcção litteraria de Veiga Simões  
Administrador e proprietario,  
Thomaz d'Álvim

Redacção — RUA DE SUB-RIPAS, 26  
Administração — LARGO DA MATHEMATICA, 16  
Composição e impressão,  
TYPOGRAPHIA LITTERARIA — COIMBRA

## Natal



-- Então o ourêlo delle vale mais que o nosso polimento?...

Desenho de Luiz Filippe

# Crónica

Carta ao prof. Luigi Rossi,  
publicista italiano.

*Meu estimavel confrade:*

A sua primeira carta, pedindo-me simples e geralmente um inquerito dessa ordem, lançou-me na maior das confusões. Por isso me aventurei a pedir-lhe o favor de precisar. A sua carta de hoje precisa, — e ainda bem.



Excellentemente, um successo annual de Coimbra acaba de ter lugar; e eu posso, talvez a contento de ambos, ceder-lhe traços curiosos para o seu livro — *A Dança atraves dos seculos*.

Porventura este *Baile dos Ursos* de que lhe fallo, remonta aos tempos de D. Diniz, e teria sido caçada pelas campinas do Ribatejo; então os cuidados pelas *toilettes* seriam simplesmente um cuidar de lebreus, o falcão toda a noite dormindo no espaldar da cadeira do senhor, escolar dos *Estudos* que Mestre Aymeric premiava. Terá apparecido esta nobre instituição a par da debandada para as Indias? A historia é muda a tal respeito; mas quando algum dia se estudarem as razões simplesmente moraes que levaram D. João III a recambiar para Coimbra a Universidade (sabe: o Dom João III? aquelle da Inquisição, da Companhia) talvez se descubram ellas num sarau por demais tumultuoso nesses Paços da Ribeira que a sua erudição conhece; e esta

longa ponta-de-veu a levantar terá talvez principio nas representações dos estudantes, legitima reacção de vãos profanos divorciados de Justiniano. — Seria elle por acaso sedosa reunião em fins do seculo XVIII, com secias e peraltas e motes a glosar, ao riso de charão duma senhora Marqueza?

Quando os meus olhos o viram reinava nelle a rigidez correcta das casacas; e desse seculo pezado a oiro velho na historia do meu país, nada mais encontrei que um damasco escarlata finando-se pelas paredes.

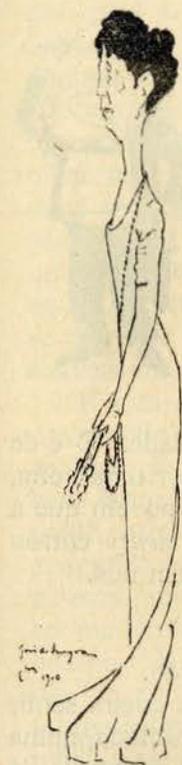
O *Baile dos Ursos*, em resumo, é a Universidade engalanada, é a festa nobre da Universidade que segue logo a distribuição de premios aos alumnos laureados, sabido que esta palavra *urso*, — em que a sua erudição um momento tergiversou, — indica apenas a força oculta da sciencia. Longe de ter a simples curiosidade archeologica, o baile de que lhe fallo é uma festa nacional; e a ter em conta a definição que Lucrecio ainda mesmo na decadencia de Roma nos legou, seria talvez expressão das forças vivas do país, se porventura a walsa algum dia nascesse em Portugal.

Deixemos poranto os *ursos* e tomêmos pelo baile.

O meu prezado confrade conhece o silencio impenetravel duma casaca preta; conhece a expressão doirada desses vestidos do Imperio que a nossa decadencia resuscita na sedução do talhe. Ora imagine os dois aspectos a par, cobertos pela luz variada que caía das véllas e do gaz,

e terá o mais bizarro colorido que porventura esse pintor de Murger daria á *Passagem do Mar Vermelho*.

As epochas dissolvidas teem para mim uma sedução rara:— a sedução do estudo. Mas pois que tem na frente os typos de Balzac, essas mulheres espalhadas em vincos geniaes por cento e um volumes, peço-lhe que os recorde; resuscite o mobiliario, os trajes do tempo, — e não lhe digo já que procure os fatos de Raphael, mas simplesmente a casaca de Nucingen. Compare, erudito confrade, este rosto acanhado no decorrer do seculo, cruzamentos novos que vieram fixá-lo mais, parando-o: recorde Madame Recamier e uma menina de-



cente ahí da sua Bologna. Creio que ha-de achar esta ultima num *travesti* interessante.

Pois Coimbra pacata realiza, com o nosso mundo, o *travesti* interessante. Perfis tecidos duma expressão igual alinham-se igualmente, talvez um pouco na timidez do lyrio,—lyrios brancos plantados a igual distancia á beira duma parede vermelha. A' sua frente, na mesma eterna posição, aprumo constante ou constante dobra do corpo, rebentavam do chão corpos esguios e graves, o corpo cheio do silencio da casaca, a face a transparecer em unica expressão o brilho arredondado do monóculo.

Na minha frente um moço deixa cair o olhar; e como se o olhar o arrastasse inteiro, pendem-lhe as mãos ao acaso, paradas no ar dormente, á espera da vibração que as bula. Revejo o agora mesmo, numa curva larga riscando-me a retina; e considero esse moço abatido ante a suprema obra de arte que se chama — a Mulher. Por uma sala onde entro a custo escoam-se na serenidade das commendas bustos que sam ovaes rematadas. Mal tenho tempo para ver um sujeito atravessando, a entalar a *claque*, e esse longo olhar

azul, azul-faiança, intensamente vidrado, a descer pela face em vincos fundos de eclipse; e as pernas procuravam-lhe o tronco por uma curva apressada.

Ah! estimavel confrade: creio que a resurreição do Imperio pelas *toilettes* das damas tem um fundo detestavel de homens e de coisas. Parece-me que agrada ao nosso olhinho vasio; mas ha-de por certo fazer mal ao seu olhar de artista cultivado.

Considero de novo esse moço, pendente do espaço, a apoiar-se no chão, ao acaso; e na sua frente figuras agradaveis de Giotto, com a mesma timidez de tintas e a mesma timidez de gesto que Giotto punha nas figuras. Numa sala do lado, a orchestra, de perna traçada, adormece curvas de walsa ou pica garridamente compassozinhos curtos de quadrilha. Dos homens escorre no fundo preto um lustro de engommado, meridional e correcto; e soltam as damas pelo collo esses vestidos airosos que me encham a retina de Imperio, obstinadamente . . .

Apenas num perfil de estatua antiga o meu olhar vára mais longe,—e evoca a Grecia da dança e da tragedia. Atravez do gaz, caindo dos candelabros, eu sinto a transparencia doutro ar, revejo a natureza espeelhada na dança grega; a mesma harmonia do país passava no gesto nobre da dançarina; e para elle se curvavam olhares atentos de artistas e philosophos.

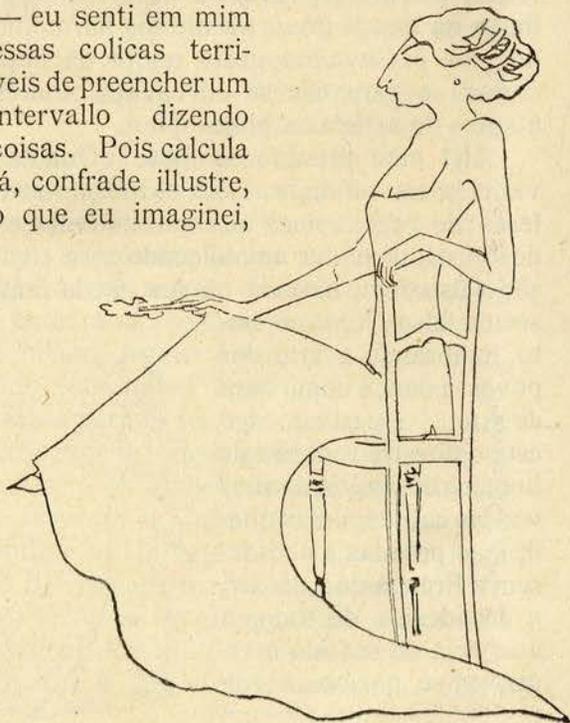
Ah! meu presado confrade! Quantas vezes o seu olhar, vendo a exhibição grotesca de pernas nuas que sam os bailados de opera, deve ter amaldiçoado essa criação falsissima, nascida na sua patria num seculo falso. Agora o sinto, lembrando a arte dos povos, a dança como obra de arte, — emquanto sigo esta orchestra ronqueira de homens de óculos, as suas walsas catitas, umas quadrilhas pesadas a acordarem a França de Luis XIV, a decadencia de tudo, a auzencia de sentido a esgueirar-se por essas voltas confusas que fizeram



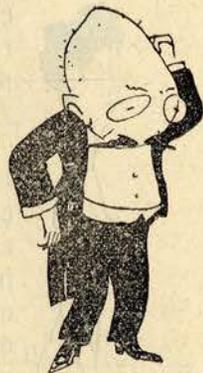
sonhar orgias a esse erudito arabe Djeberben-Hamsa, de que falla Anatole France—a querer ver tudo atravez do seu sangue oriental...

Depois, uma coisa me espanta, meu illustrissimo amigo: a imaginação profunda desses rapazes pendentos, dançando toda uma noite, conversando com damas a noite inteira.

Creio que conhece o meu extremo interesse, talvez mesmo a minha certa pratica em trabalhos de imaginação. Pois bem, meu caro amigo: aqui lhe juro que, partindo de dados certos — a dança, as outras pessoas, o calor, a hora, isto emfim que é chamado não sei bem porquê *amabilidades* — eu não consegueria aguentar uma hora a dizer coisas com geito. Numa senhora eu surprehendi a afirmação de que nessa noite todos os rapazes lhe tinham dito a mesma coisa. Porventura esses moços gastarão o seu tempo em apostrophes, phrases cortadas, ditos de acaso? Mas então essa conversa deve ser um bocejo enorme, com o arco do tamanho duma apostrophe. Francamente lhe confesso que uma vez na minha vida — chegado á edade da razão e da vista — eu senti em mim essas colicas terribes de preencher um intervallo dizendo coisas. Pois calcula lá, confrade illustre, o que eu imaginei,



voltas que dei a lapidar a phrase... E como um vago rubôr me sóbe ainda ás faces quando a recorde, essa unica phrase janotinha,—peço-lhe licença de a calar, na imminente ameaça de não poder proseguir...



Decididamente, meu caro senhor Luigi Rossi, como expressão artistica, a dança de hoje nada exprime — a não ser a banalidade. E é de todo o ponto lamentavel perder uma noite, banalissimamente, neste tempo em que a velha phrase inglêsa *time is money* entrou na nossa casa e vive dentro em nós.

Dançar *assim* porque?

Para quê?

Eis uma longa interrogação.

E quando porventura eu queira sentir a dança como arte viva, resuscitada, numa decoração faustosa e larga, — calcula lá onde eu tenho que ir?

— Ao cinematographo.

\*

Mas do tempo que se perde, alguma coisa nos fica, — quanto mais não seja a impressão de o ter perdido. Sagrado Nome de Deus! não foi assim por agora. E se eu lhe falasse como creatura, iria aqui desfiar rosarios pessoases de gentilezas. Mas pois que como artista me interroga, e se eu tam só como artista lhe tenho fallado da festa, deixe-me ainda poisar um ou dois traços vibrantes, coalhados na retina desde essa noite amavel.

Será pelo mais leve que eu começo, — por essa figura calma, traçando-me um momento columnas doricadas, gestos serenos, um olhar branco e horisontal. Nesse perfil lançado a traços de estatuário, poisado num corpo simples de mulher de hoje, eu revia uma tunica ligeira esvoaçando á aragem descida dos laranjaes da Argólida. Um momento meus olhos víram nesse perfil simples não a grega humana das saudades de Ulysses, não já essas figuras irmãs dos deuses que seriam as mulheres de Sopho-

des, mas a filha da suprema perfeição de linhas, mais estatua que creatura, contemporânea de Platão, dos sophistas discutindo em bosques frescos, da linha clara da Rhetorica e da Sabedoria. Lembrava o seu olhar as aguas mansas do Egeu onde as naus triremes sussurram pelo mar á viração ligeira; e se eu porventura poisasse um dia os beiços na serenidade dum rosto egual, o meu beijo seria de marmore, como se tivesse a minha boca collada aos flancos suavissimos da Venus Akropolis.

E esta expressão do beijo, arroxendo o corpo da Venus, me relembra esse corpo de hoje, de mulher de agora, a levar para bem largo a impressão da Grecia que no perfil entrevi. E' já mais uma sombra vã, apagando-se e diluindo-se, que só deixa de pé essa mulher olympica e magestosa que eu me lembro de ter visto algures — creio que no Capitolio ha dois mil annos. Atravez do seu todo, evóco o tempo em que fui legionario, em pleno Imperio; e sinto no olhar ardente, na cabeça dominando, no gesto do braço, feito de linhas de botões doirados, a um tempo indolente e incisivo, toda a Roma pagã florindo em flores de sangue pelo jardim das arterias. No seu collo airoso e longo, ponteadado ao de leve e levemente trigueiro, ao atirá-lo para traz, na curva viva e lésta do dominio, reconheço a patricia romana deitando fóra um amante.

Creio que foi de Caius Junius, Governador da Peninsula, que esse corpo nasceu do sol vibrante da Andaluzia. Ficaram-lhe ainda manchas do sol esmaltando a pelle. Levada para Roma, crescida nas festas, quantas vezes o seu riso claro se teria quebrado pelos frescos das thermas! . . . E em certo dia, sem dar por isso, dominando naturalmente, inconscientemente, soberanamente bella e naturalmente dominadora, achou-se Imperatriz, sentindo a seus pés as mais bellas patricias. No mais alto logar dos banquetes ruidosos, correndo a vista pelos triclinios, ainda a mesma natural inconsciencia a faria perguntar a si mesmo porque motivo se encontrava alli, senhora do Imperador e do Mundo Romano. Haveriam de erguer-lhe estatuas colossaes ar-

tistas gregos encomendados de Roma; e revendo-as distrahida quereria saber a razão dellas. Porque a sua belleza dominava naturalmente, porque nascêra dominando, — e as estatuas formidaveis apenas conseguiam dominar como collossos de pedra.

Mais nada. De tudo o mais — perfis perdidos no mesmo claro-escuro crepuscular, sombras que passam, a esgueirar-se da memoria.

O que lhe deixo aqui? Uma figura antiga resuscitada uma noite.

Bem vê: como expressão dos usos e costumes do meu paiz — um baile é pouco.



Confrade  
affectuoso,

VEIGA SIMÕES

13 Dez.

---

## Uma carta inédita de Camillo Castello Branco

*Meus presados camaradas e amigos:*

*Lamento profunda e sinceramente que a minha completa escassez de tempo, todo preenchido pelos meus deveres academicos, me impeçam de correspondêr desde já á vossa gentil deferencia, appellidando-me magnanimamente ao quadro dos collaboradôres da «Farça».*

*Vou-lhes, porem, resgatar o meu compromisso e por forma opulentissima. . . Tenho ha tempos em meu podêr, devido a uma penhorante attenção familiar, algumas cartas de Camillo Castello Branco a Rebello da Silva; destaquei uma, cuja copia remetto.*

*Assiste-me a certeza de que a «Farça» archivará orgulhosa e commovidamente essas linhas, que representm a um tempo um precioso documento auto-biografico do Mestre e uma pagina ensopada de lagrimas, das mais amargas que entre nós se tem chorado, tamanha é a ironia dos seus dizêres-*

De resto, como sabem, a existencia desse homem pouco mais teve que desillusões, travadas da mais funda amargura — elle, cuja estatura litteraria era enorme, constantemente oppresso pela ruindade do meio, pelas contingencias ultrajantes do salariado das letras: «eu inclinava o peito sobre uma banca para jantar? escrevendo e tres-suando sangue, o pão d'uma familia. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas percursoras da cegueira. E eu escrevia, escrevia sempre».

Oxalá os meus amigos, relembrando-o pertinentemente, com brilho e com talento, construam o plano da commemoração justiceira de Camillo. Num pais, que tivesse a recordação civica dos seus homens genuinamente illustres, S. Miguelet de Leide seria um santuario, repleto dos objectos queridos e familiares do Mestre; e já a estas horas o perfil alquebrado de Camillo Castello Branco conheceria de pleno direito as honras da praça publica, para que as creanças da escola portugüesa usassem contemplan e descobrir-se perante uma das creaturas, que mais genial e puritanamente lhes ensinou a falar e escrevêr a lingua da sua patria. Mas, pelos modos, a synthese desastrada da mentalidade lusitana persiste em ser... o conde de Gouvarinho!

Creiam-me, com estima cordal,

Camarada e am.º grato

J. Lobo d'Avila Lima

Meu amigo:

Communiquei ao E. Basto a deliberação de V. S.<sup>a</sup>, e brevemente irão os nomes dos dose assignantes, e desde o dia 11 as correspondencias.

Vejo-o disposto a favorecer-me na sua avaliação de poetas e prosadores do Porto. Se me convence que eu sou alguma coisa dessas, sopra-me a vaidade, e faz de mim um impertinente (mais ainda do que tenho sido?! ) rabiscador. Sinceramente lhe digo que tenho escripto muito, a meu modo. Nasci ahí. (A minha byographia limita-se a dizer que nasci, e mais nada: não tenho byographia) Aos quinze annos não tinha pae nem mãe: o meu tutor era um lórpa convicto: encinou-me a atirar ás perdizes, nas montanhas transmontanias, e fez-me

irmão da Confraria da Senhora dos Remedios. Um dia, (tinha eu 16 annos) escrevi em pessimas linhas a quatro de fundo uma satyra contra um prégador. Disseram-me que eu era poeta. Fugi da aldeia para Lisboa, e sinto dizer-lhe que, se não fujo de lá, reduzia-me a Gilbert de feira da ladra. Vim para o Porto, e matriculei-me na Polytechnica. Frequentei não sei que annos de sciencias medico-cirurgicas, e fui para Coimbra estudar direito, que nunca estudei (honra me seja feita!) Um anno depois, tinha eu gasto o mais romanescaamente que se póde o meu patrimonio, e, no auge da minha dôr, voltei-me para Deus, com quem me relacionei por meio da theologia, trago substancioso de que alcancei uma indigestão de scepticismo que ainda hoje me incommoda. Tenho trinta annos, e não sei nada, não valho nada, e faltam-me habilitaçõens para exercer com intelligencia as funcçõens de juiz eleito, ou sacristão.

O meu primeiro livro foi, hade haver 15 annos, uma cousa impia, chamada «Juizo final». E' uma asneira que o meu amigo não conhece felizmente. Depois escrevi dous dramas, um romance que V. S.<sup>a</sup> me encareceu (*O anathema*) 3 volumes de poesias, e mais sete volumes de romances, e vou escrever uma obra monumental, cujo prospecto V. S.<sup>a</sup> terá a bondade de fazer transcrever na *Patria*, quando lhe for entregue com alguns exemplares das minhas obras. Do que V. S.<sup>a</sup> decerto se maravilha é dizer-lhe eu que tenho vendido tudo. O paladar provinciano é tolerantissimo. Os padres dizem que eu sou um consummado theologo, e as raparigas desde a cosinheira até á baronesa presumptiva, reputam-me poeta algumas vezes; outras, não me entendem, e n'isso acontece-lhes o mesmo que a mim. O Julio Ccsar disse que era um *mytho!* o bom do litterato não sabe o que é mytho. Um mytho funccionando em plena physiologia e anatomia, desde o estomago até á glandula pineal!

O meu amigo faz-me justiça? Eu não podia fallar de mim com outro estylo. Sei que lh'o devo serio e circumspecto; mas não me creia por isto menos respeitador da

generosa intenção com que me mandou depor sobre o que sou.

Trago em incubação um pensamento. Fizeram-me addido honorario (*risma...*) da legação no Brazil. De lá propõem-me vantagens, muito superiores ás que tiro aqui, para collaborar n'um jornal. Talvez vá. Se quizerem, posso fazer-lhe de lá serviços ao jornal... Aqui falla-se na fundação d'um jornal grande *em papel*, e offerecem-me a commissão de correspondente do Rio. Não creio que vingue o pensamento.

Está moído, meu caro amigo? Eu não abuso da sua bondade. Dê-me as suas ordens e conceitue-me de V. S.<sup>a</sup>

Am.<sup>o</sup> e respeitoso creado

7 Dez. 1856.

Camillo Castello Branco

## CARTEIRA

O, sr. L. Oscar, que na *Patria Nova* — jornal cá do burgo — vem publicando umas piadinhas a varios figurões historicos, dá, no seu ultimo artigo, uma novidade intima a respeito da mãe de João das Regras.

Segundo o tagarelar indiscreto do sr. Oscar a respeitavel *madame* das Regras «casou em segundas nupcias com Alvaro Paes», cavalheiro ao que parece, «dotado de excepçionaes qualidades». Esta encantadora noticia — que me força a concluir que a digna senhora seria por essa epocha uma viuva muito bem conservada — parece-me, porem, que está deslocada e que só por uma lamentavel troca de graneis foi parar ao erudito artigo do sr. Oscar. Muito naturalmente a noticia era destinada ao *Carnet-Mondain* do jornal e por ventura viria completada com os nomes dos padrinhos, referencia ao «delicado» copo d'agua, indicação da «pitoresca estancia» para onde o casal partira.

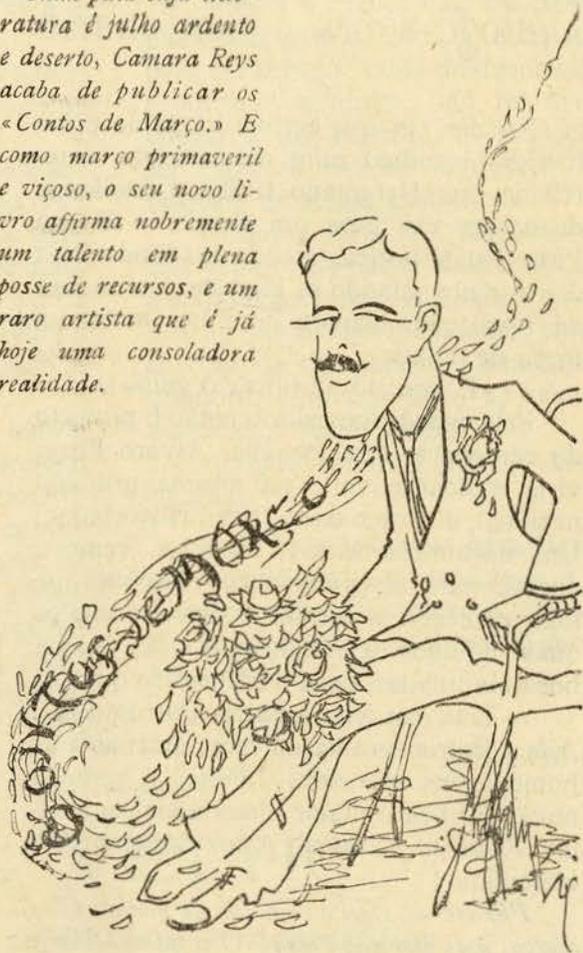
Mas se assim não é, se realmente a preciosa novidade nasceu da erudição nupcial do sr. Oscar, então perdoe-me S. Ex.<sup>a</sup> que lhe desfibre a natural modestia e o proclame o Momsen das intimidades casciras de toda a Historia de Portugal.

Sendo assim, e com a respeitosa admiração de leigo para iniciado que eu ousou perguntar ao sr. Oscar se sabe onde pára o celebre barão de Egas Moniz, o aio leal.

Talvez pareça extranha a curiosidade ao sr. Oscar: mas é que o barãozinho convinha-me muito cá em casa, para estender o lençol do banho.

F. SANTOS

Num pais cuja litteratura é julho ardente e deserto, Camara Reys acaba de publicar os «Contos de Março.» E como março primaveril e viçoso, o seu novo livro affirma nobremente um talento em plena posse de recursos, e um raro artista que é já hoje uma consoladora realidade.



## Intermezzo

Na farça continua que é a vida de Coimbra, e onde a arte, reflexo natural da vida, é um rebento natural da farça, abrem-se miraculosamente três parenthesis de arte viva.

Mimi Aguglia, a formidavel actriz siciliana dá-nos a «Malia», a «Figlia de Jorio, e a «Zázá». M.<sup>lle</sup> Aussenac, artista altissima, anuncia um proximo concerto de piano, parece que a 21. E finalmente o mais illustre «conferencier» deste paiz, Antonio Arroyo, tratará no «Instituto», a «Arte para o povo».

Com o mesmo jubilo com que se dá esta noticia, aqui se farão largas referencias.

## Dialogo sobre o Centenario

No dia em que certo curioso de ephemerides recolheu num manuscripto amarellado que Herculano tivera a fatalidade de nascer vae para um seculo — Alvaro Pires leu a noticia meuda no fundo dum diario e abysmando se logo na profundeza da revelação, clamou com um murro na mesa de pinho :

— «E' preciso glorificar o genio!»

Pela cabeça lhe passou então o projecto do centenario em que elle, Alvaro Pires, viria a ficar envolto na mesma gratidão nacional, de braço dado com o Historiador! Um deslumbramento! Meditou, remoeu phrases para a hypothese dum discurso que logo começou a tumultuar-lhe nos miolos quasi liquidos de ebulição, e a sair-lhe da bôca, ás lufadas, para o silencio do quarto :

— Está em festa a Patria Portugueza...

*Não.* A Patria agradecida vem render as suas homenagens ao maior... *Banal.* A geração nova glorifica o maior historiador peninsular. *Fraco para começo.* A luz do genio, eis Herculano!

*Phrase de effeito — a luz do genio. C'os diabos, mas isto não é meu! Ora adeus! ainda ha muito tempo. Depois, depois...*

E d'ali partiu Alvaro Pires á procura do seu amigo Januario Gomes e, mal o avisando á volta do Caes, espetou o dedo no lusco-fusco do ar :

— Coisa de importancia, amigo!

— Outro retrato, alguma dedicatória de pessoa...?

— Nada disso?

— ? —

— E' preciso glorificar o genio!

— Qual genio?

— Herculano, aquelle do *Eurico*.

— Ah! Mas então?

— Pois tu não te lembras que nasceu em 29 de abril de 1810?

— E depois?

— E' preciso celebrar condignamente esta data nacional! Herculano não é bem um particular, pertence mais á nação, é o maior historiador — só

isso! — um dos fundadores do romantismo em Portugal — lá vem na *Historia* do Mendes dos Remedios, a seguir a Garrett. Merece bem as homenagens.

— Mas como?

— Pois tu ainda não comprehendeste?!

Faz precisamente um seculo que viu a luz, em 29 de abril no mesmo dia do mês em que foi outorgada a Carta por que elle se bateu: são duas galas juntas.

— E' notavel, é verdade.

— Tenho mesmo alinhavadas umas palavras para o caso de fallar, alguém terá que fallar em nome da Academia, ahn?

— De certo, tem de se representar...

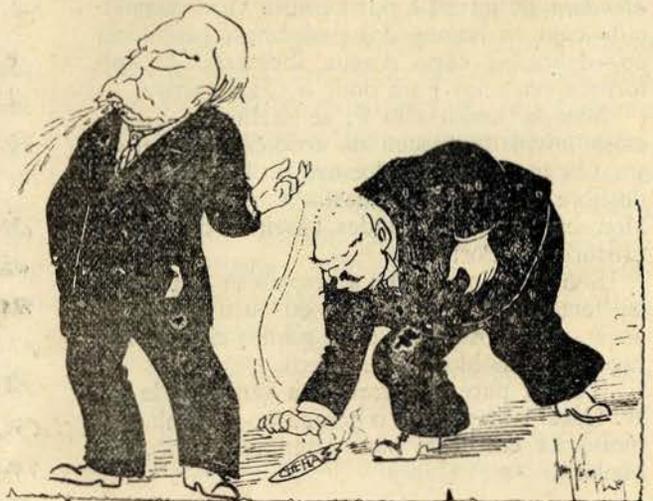
— (Recordando-se.) Dia duplamente festivo para a nação portugueza! Alexandre Herculano e a Carta Constitucional! Em nome da Academia de Coimbra, a mais risonha esperança do resurgimento nacional...

— Boa entrada! Tens-me a teu lado, bem sabes. Mas que ha a fazer?

— A propaganda, Januario. E' preciso semear a ideia, faze-la transpôr as fronteiras, chamar alerta os lyceus, arranjar adeptos, alguns nomes consagrados...

— Não é desconfiança, Alvaro: mas não será arrojado?... Nós poderemos realmente tentar semelhante empresa?

— Ingenuo! essa grandeza é que dá a coragem. Nem ha grandes homens sem grandes acções e a nossa, Januario, ha-de



O primeiro charuto

valer mais que toda a propáganda revolucionaria, os discursos, os comícios . . .

— Mas, ó Alvaro, o Herculano era monarchico com certeza e poderemos nós, sem sacrificar as . . .

— Era um convicto, coitado! Hoje seria anarchista e é como se o fôsse... para nós.

— Sempre é um defeito. Bateu-se pela Carta e ainda outro dia o Bernardino dizia que o constitucionalismo é uma burla, tem-o sido sempre, nem representa o avanço nenhum no campo das ideias. Atrazo e mais atrazo, a obra de Herculano.

— Mas é preciso agora pôr de lado a politica. Camões tambem era monarchico e a Academia, essa geração de teu tio André, promoveu-lhe o centenario e consagrou-o naquelle *monumento do leão*. Ora eu quero, Januário, que agora se faça o mesmo, percebes? Abatem-se as bandeiras politicas e a Academia honra-se, é a unica maneira de se rehabilitar. Vamos reuni-la, lançar a ideia e o triumpho é certo. Uma grande commissão . . .

— Mas a Academia não reúne. Uma parte olha para o Ramada, outra parte olha para o Pacheco; estas dissidencias politicas produzem balburdia, não ha maneira de chegar a um accordo, a eleição não pode ser rigorosa em tal confusão; é preciso tambem uma sala grande . . .

— Outra coisa: a Academia não precisa reunir; ha outro meio mais commodo e mais democratico. A Academia compõe-se dos 25 cursos das faculdades, como o todo se compõe das partes. Cada curso dá um membro, com nós dois, 27, sim que nós adherimos, temos direito . . .

— Bello! Mãos á obra — clamou Januário.

E ali ficou resolvida para logo a consagração que presta a Herculano a *briosa de Coimbra*, sobre cujo dorso A. Pires e Januário Gomes fazem cortesias á memoria do Historiador.

25 Dezembro 909

HIPPOLYTO RAPOSO

---

## PORTUGAL VELHO

*Merendas de arroz-doce e marmelada  
que em honra do doutor juiz-de-fôra  
servia aquella avó que foi morgada,  
fazem gulosa inveja ao neto agora!*

*Senhora d'algum dia, ás Musas dada,  
de mote improvisado a toda a hora,  
levava o bom doutor á gargalhada,  
quando na glosa a rima se ia embora.*

*Mas o sisudo vate, mal a ouvia,  
entre gostosos bolos e chá-preto  
achava lógo a inspiração tardia. . .*

*Assim, d'agua na boca, eu te revivo,  
tempo das lindas Marcias do soneto  
com ricos «papos-de-anjo» por motivo.*

ANTONIO DE MONFORTE

# COIMBRA

# NO MUSEU

## Em ceroulas, á porta de Minerva

Numa noite de maio, uma dessas noites de Coimbra com luar, em que parece haver, derramada nos campos, uma toalha de leite, vagamente azulada, estava eu á varanda abrangendo, num olhar, a cidade, os campos e o Mondego, desde a Lapa dos Esteios até á curva do Choupal. O coaxar rispido e monotono das rãs cortava a solidão com um ruido aspero e triste. Nos esteios da ponte, a agua, enrugada e espumante, resmungava em surdina, sem descanso.

O ar tranquillo, embebido em luar, vibrava nitidamente aos sons longinquos: latidos de cães, apitos de comboios, ou rolar de carros na ponte. Claridades frouxas esmoreciam pelas penumbras vastas.

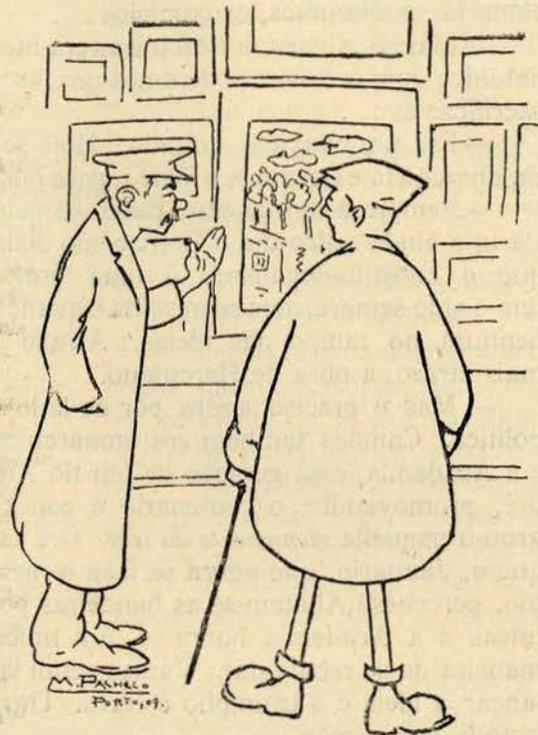
Estava sósinho, á varanda, no vago estado de alma, agradável e somnolento, em que as palpebras se cerram voluptuosamente. Uma lassidão pesada invadia-me o corpo. Olhei, extasiado, a paizagem sobrenatural, rutilante no céu e nas aguas, sombria nos arvoredos e nos carcavões dos valles. Bocejei. E, com um arripio leve, recolhi ao quarto, — a estudar a lição de processo, para o padre Dias...

O padre Dias ainda era mais sobrenatural que a paizagem do Mondego, vista ao luar. O padre Dias, incommensurabilissima mentalidade juridica, exigia de nós quantos artigos o Codigo Civil e o Codigo de Processo encerram: todos os commentarios, addendas, annotações, criticas e emendas com que elle e a vastissima coorte de juriconsultos d'estes ultimos cem annos têm enriquecido o direito portuguez; e era feroz, angustiador, implacavel, nas suas exigencias de lente...

E a lição desse dia era tão estúpida... cheia de artigos variados... envolvia-me na revisão de materias já esquecidas... suppunha solidos principios scientificos, de direito civil e processual... — Bocejei... olhei a paizagem novamente... Hesitei entre a paizagem e a cama... E ignobilmente optei pela cama, por um somno reparador...

Estava eu já em ceroulas e camisa de dormir, quando me appareceu um grupo de rapazes. Entram pelo quarto dentro, indignados... A metter-me na cama, ás dez horas da noite! Estava um luar lindo... Uma noite linda... O Penedo da Saudade devia estar de uma belleza estonteante...

Eu resmungava, estirando os braços. Estava cheio de somno, não sabia cantar nem tocar guitarra. Que falta lhes fazia?... Demais a mais não tinha pachorra para me ir vestir novamente...



— Este é o ultimo quadro de Leonardo de Vinci.  
— Mas o anno passado era differente ..  
— Ah! sim... Mas esse foi roubado!

— Mas isso não tem nada, homem... Deitas a capa por cima de ti, não está frio nenhum, e prompto...

Não quizeram discutir mais e levaram-me, quasi á força, para a rua. Eu logo me resignei, rindo de boa vontade. Ia de chinellos; as meias pretas não encobriam uma orla das ceroulas, que alvejavam debaixo da capa. A cada movimento brilhava a camisa de dormir, alva e longa, descendo-me até aos joelhos. De maneira que, em certos momentos, se hesitava, ao verem-me passar, sem saber se eu seria um estudante, um fantasma ou um mascarado de entrudo...

A noite estava realmente lindissima e a lua, na maior altura, banhava as lages das ruas e a cal dos predios com uma luz muito limpida, muito clara e transparente. Havia esparsos, aromas subtis, indefiniveis, em que varios aromas se fundiam. As estrellas palpitavam, no céu desmaiado de côr, com um baço clarão. Nós iam em silencio, vagarosamente... Mas um começou recitando, em voz baixa, o soneto de Olavo Bilac:

Quando uma virgem morre, uma estrella apparece...

Outro tambem brandamente, apaixonadamente, o amoroso canto de Dalila, ao encostar

a cabeça, carinhosa e traiçoeira, não sei de Samsão:

S'apre per te il mio cor. .

De repente um voltou-se para mim e deu um risada:

— Estás divino, menino? com essas ceroulas e essa camisa de dormir. .

Com um movimento rapido agarrou-me a capa e quiz arrancar m'a dos hombros... Os outros applaudiam-no e ajudavam-no:

Bravo! bravo!

Estavamos á porta de Minerva. Os lampiões mortiços allumiavam frouxamente a rua. Mas o luar era vivissimo e na casa quasi fronteira, onde morava o juiz, uma janela estava aberta e a filha do magistrado olhava candidamente a rua, com os seus olhos ingenuos de donzella...

— Oh diabos, olhem a filha do juiz! Olhem o escandalo! Deixem-me!...

Com um puxão maior, rasguei a capa de um e larguei-os então, desanimado.

A capa voou-me dos hombros. E, ao som de uma gargalhada geral em que eu tomei parte, corri para a porta de Minerva e encostei-me ás grades. Uma velha, que passou nesse momento, apressou os passos, deitou-me um olhar de esquelha e, murmurando esconjurios, foi-se benzendo pela rua fóra...

Agora, realmente, estava com um bello ar de fantasma. Do pescoco aos joelhos, a camisa de dormir, muito ampla, envolvia-me num sudario alvaco, semelhante ao dos dois personagens do *Noivado do Sepulchro*. As meias lançavam uma bella mancha negra na alvura das ceroulas. O que me me despoetizava eram as chinellas burguezas, umas chinellas de pelle de vitela, prosaicas e coçadas.

Os risos não acabavam. Eu murmurava machinalmente:

— Olhem a filha do juiz! olhem a filha do juiz!

Senti que a phrase não produzia effeito e que a brincadeira se podia prolongar até altas horas. Tive uma inspiração luminosa. Olhei para o fundo da rua, com um ar apavorado, e gritei-lhes:

— Vem ahí o Assis! Se vocês não me dão a capa, estou perdido!

Os risos affroxaram logo e, momentos depois, estava eu de posse da minha capa. Fora realmente devido, um pouco, á invocação do Dr. Assis que a brincadeira acabara mais depressa. Os rapazes perceberam, e com razão, que ser visto pelo Assis, em ceroulas, á porta de Minerva, correspondia verdadeiramente á *morte civil*. Era, sem duvida, a minha morte civil. E assim, aquella inoffensiva camisa de dormir podia transformar-se, de um momento para outro, na minha mortalha juridica.

LUIS DA CAMARA REYS

## Oh! Jean Richepin! oh!

8 de janeiro

Vae um entusiasmo grande por essa Lisboa, que se boquiabre em ohs! d'admiração descomedidos, parvinhos — oh! Richepin, Richepin! (revirando o bugalho do olho) — um entusiasmo apelintrado e falso p'la conferencia no D. Amelia do maior poeta da França, segundo a opinião de varias gazetas, entusiasmo delirante em que visionar se podem p'ra logo os esgares clownescos d'uma gente palhaça, que, á força, quer espantar a galeria — oh! a *chanson des gâteaux*, oh! as *Blasphèmes*: oh! *la mer*!

E os jornaes veem cheios da conferencia, das impressões da conferencia, sem dizerem nada, sem nos fazerem saber o que Richepin disse, mas, a compensar, trahindo em todas as linhas, amassadas de logares communs fedorentos, nojentos, estylentos, a febre funda que marcou a alma do reporter que as espremeu p'ro papel e que assistiu á falacia cabeceando de somno — aquelle reporter, coitado, magro e de casaco coçado, atirado asperamente p'ras lides jornalisticas por um chumbo fatal no seu exame de francês.

Sendo certo que p'ra se ter comprehendido a conferencia de Richepin era preciso, alem d'outras condições, saber perfeitamente o francês, e sendo certo que raros assistentes o sabiam — facil torna concluir-se que a mór parte da assembleia ficou a vêr navios. Entanto, todos berram: — que sim senhor, ... muito bonito, ... a voz d'oiro do poeta, ... a phrase quente ... a fôrma brilhantissima! ... Pantomince safardana que puxa o vomito e que faz com que nunca e em nenhuma circumstancia, alguem diga claro e forte o que pensa, o que atinge, o que sente! Uma deshonestidade incommensuravel, mixto de receio escolhido e de basofia grosseira que tolhe toda a gente, obrigando-a a descambar n'uma falta de sinceridade de que só ha dar-lhe correctivo a pontapé. Até o sr. Julio Dantas, ao apresentar o conferente em palavras academicas e ôccas, entre outras coisas, disse, p'la voz do sr. Chaby, pouco mais ou menos: — que a maior parte dos ouvintes conhecia o seu Richepin como os seus dedos, de cór e salteado! Julio Dantas sentia isto, julgava isto, pensava isto? Não! O que Julio Dantas sentia era que a maior parte da assistencia os unicos versos que sabia de cór eram os do «Noivado do Sepulchro». Não o disse — teve mêdo! Foi insincero; e a esta insinceridade a assistencia corresponde, é claro, com um snobismo refinado, quintessenciado e põe-se a dar ares de têr comprehendido aquillo, tão magnificamente

# Entre les deux...



— Afinal tantos zelos, quando isto é uma questão de ... soldo!

# A questão de Macau



—Não houve maneira de tombar este maldito sempre-em-pé! Também é mais colônia menos colônia...

como se o sujeito fallasse em português.

E ninguém quer, como sempre, em todas as situações identicas, ser o primeiro a romper a intrugice na duvida do que fará o visinho: — se, tocado por tanta franqueza, confessará: eu tambem não pesquei patavina — ou se rudemente, rindo-se, lhe chamará ignorante e burro. E vá d'alardear uma sabença pulha, numa grande pose, que faz com que se ouçam coisas estupendas como a que eu ouvi a um litterato que, virado p'ra outro dizia: — Estou morto por ouvir a conferencia de Richepin: *la mer, la mer!* Deve ser enternecedor esse grande genio a falar commovidamente sobre o *senti-mento maternal!*

E devia!

Mas eu já lhes conto.

Conheço um individuo que pratica a litteratura e é grande admirador d'Anatole France. Quando, no meio de collegas fala d'Anatole é sempre d'uma maneira tal que deixa em quem o escuta a certeza inabalavel de que, alem d'um precioso temperamento d'artista, tem o conhecimento perfeito de todos os segredos da lingua francêsa:—oh! o Anatole! Não se passa um só dia em que eu não leia um pedaço do *Lys rouge*. Que subtileza d'estylo! A tragedia gigantesca e ao mesmo tempo simples d'aquelle ciume!

E aquella ceu de Florença!

Um dia declamava como de costume, d'olho esgazeado e tinto, a sua admiração p'lo grande romancista — quando um francês de barba arruivada e crescida, coberto de farrapos, estendeu contra um grupo um papel sebo e safado no qual se explicava a desgraça triste que o empurrára a mendigar e se pedia o auxilio de todos os cavalheiros generosos... completando os dizeres do papelucho com uma lenga-lenga ramerramesca, n'uma voz alcoolica e difficil que, aqui e alli sifflava afflicta, como se lhe apertassem o gasnete e não pudesse respirar. O meu conhecido, depois de largar um vintem, fitando aquellas barbas cõr de fogo que o vento amaranhava, revoltas cõmo a sua vida, grandes como a sua miseria, levado talvez por uma curiosidade subita e cheia de sympathia, nada extranhavel n'uma alma d'artista, delicada, commovida, bohemia — p'ra mostrar o seu interesse p'lo homemsinho, vae e pergunta-lhe quantos annos tem n'este incomparavel francês: — *Quant d'annès avez vous?* O homemsinho, nada de responder. Todo elle era carêtear um sorriso idiota, abstracto, que ia enfurecendo o meu amigo que, suppondo o franciù surdo, se lhe põe a berrar junto á face sordida? — *Quant d'annès, quant d'annès, quant d'annès...*

O franciù, sempre com o sorriso idiota, vira p'rõ meu conhecido um olhar grande, espantado, alheio, em que a agua-ardente punha um brilho humido; e, depois de balancear os hom-

bros, safou-se, rosnando não sei què e torcendo as pernas cambaleantes. O meu conhecido murmurou: — Que bebedeira! Ao que outro (esse era poeta e delirava com Baudelaire que costumava cantarolar balouçando o pepino — *alors, oh ma beauté, dites à la vermine...*) retrucou-lhe, muito a serio, com um ar chocado: — Sim, o desgraçado estava bebedo, mas, coitado, fizeste mal em estares a insultal-o, a chamar-lhe p'rahi — cão damnado, cão damnado!

Oh! o Anatole, o Anatole!

Que estylo!

Oh! Richepin. Que conferencia! *La mer!*  
*La mer!* (a mãe, a mãe como o outro queria!)  
Que comedia! Que pouca-vergonha!

JOÃO PINTO FIGUEIRÉDO

## CARTEIRA DUM BANAL

(Notas dum provinciano no Porto)

Nove da manhã. Já se não pôde parar na cama. Uma restolhada festiva de sinos não me deixa pregar olho. Talvez voltando-me... Nada, não ha meio; os sinos lá estão, impertinentissimos despertadores, a frustar-me as tentativas. Decididamente vou levantar-me.

\* \* \*

Está um domingo encantador de primavera. A espaços riscam o azul revoadas de passaros e o sol põe nodoas doiradas no macadam. Tudo parece dormir em torno, na placida beatitude dos bons domingos portuguezes. Na rua, encostado a um candieiro, um policia chupa o cigarro. Mais longe um municipal bórda vulcanicos madrigaes a uma creadita, que, muito atarantada, dá mil voltas ao chale, dobrado sobre o braço. Passa um electrico bimbalhando a irritante campainha. E tudo recae na calma habitual. Só os sinos estrondeiam epilepticos convidando os fieis para a missa ao som da *Maria Cachucha* ou do *Ora vai tu*.

\* \* \*

Uma hora. Os sinos badalam ainda e eu já não resisto ao convite. Vou até á Trindade, á missa da uma.

E' estúpida a tal missa, com todo o seu aparato de *reprise* theatral. Começa pela nave bem lançada um farfalhar de sedas, um ruido de leques nervosamente agitados, a encobrir palestras cochichadas baixinho, e um rumôr impertinente de pés masculinos, arrastando pelo soalho as

agonias d'um verniz muito justo. As meninas teem risos abafados de ironia grossa e os leões, de vidraça, fazem prodigios de gymnastica cervical para, através d'aquella seára de cabeças bem penteadas, lhes apanharem as olhadellas assassinas, que ellas tão prodigamente distribuem. Faz-se critica e combinam-se diversões. Quando o padre sóbe os degraus do altar, o rumor extingue-se; mas o olhar é livre e namora-se com desafôro. E, emquanto lá ao fundo o sacerdote indifferente mastiga o lithurgico latim, vão entrando para igreja os retardados.

Termina a diversão.

Pelo portão central escôa-se o anonymo, o apagado. A saída protocolar faz-se por uma porta estreita que dá para as ruas detestaveis. No passeio enfileiram-se os elegante indigenas e quando *ellas* passam gelatinosas, quebradiças, os chapéus cortam o ar em rasgados comprimentos de meninos hystericos. E ellas, as *ellas chics*, baixam dengosamente as loiras cabecitas encharcadas d'agua oxygenada e afastam-se com um *frou-frou* estontecedor de rendas caras.

E vão todôs fazer horas para o Palacio de Crystal.

\* \* \*

Fechados os theatros, exgotaram-se as diversões do Porto. Resta a praga dos cinematographos, como cogumelos na humidade. Por toda a parte se erguem barracões desgraciosos como a pasta d'um inglez e se lhes affixam compridas tiras de panno com enormes lettras vermelhas:

#### CINÉMA DE TAL-ABRE BREVEMENTE

E, no dia seguinte, o trepidar d'um motôr e o zumbir irritante de campainha electrica annunciam ao burgo mais uma nova casa de diversões. Ha cinematographos por todos os cantos, nas praças, nas ruas, nas viellas, nos beccos. Pedaco de terreno desoccupado confae que, em breve, mais um cine surgirá, novinho em folha. E' claro, assim como nascem assim desaparecem. D'entre elles, porem, alguns resistem e são esses que fazem o regalo do mercieiro ricoço, que lá vae dominicalmente largar os patacos sovinas, na companhia das filhas, biliosas donzellinhas de cavadas olheiras dos romances de meio tostão e das noites passadas em claro a derriçar com os caixeiros do papá. São poucos, três ou quatro. Escolhi um ao azar. Passos Manuel. Fui até lá e de longe deu-me a impressão d'um pagode chinez illuminado a cópinhos. Entrei. Afóra o salão, este possui um jardim rasoavel, uma fonte luminosa pelintra e grutasinhas com lampadas vermelhas, que lhe dão o aspecto phantasmagorico dos finaes d'acto do Carlos Alberto.

Pelos arruados passam grupos de jovens d'ambos os sexos, que teem risos destrambilha-

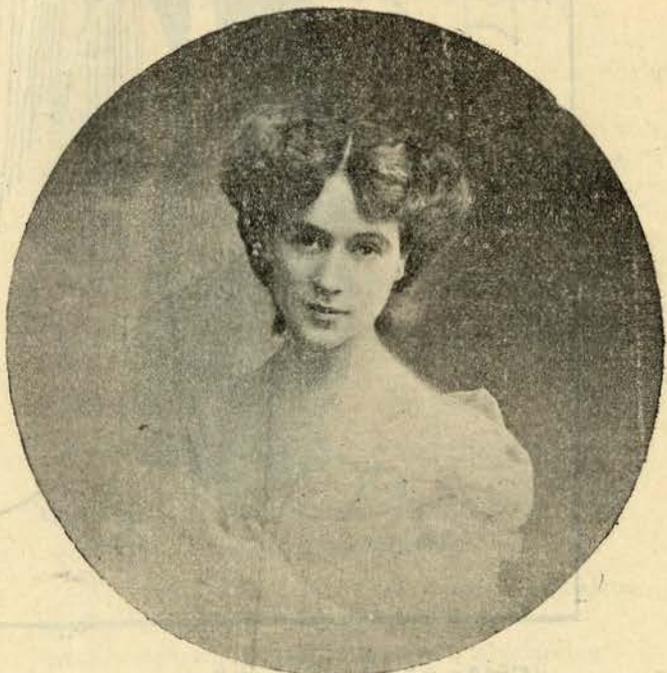
dos de gente mal educada; e nas sombras do avoredo, hirtas serenas, brancas de pó d'arroz, com póses de Medêa de fancaria e sorrisos convidativos de Rigolboche, algumas mulheres affrontam as olhadellas obliquas dos velhotes. A um canto, junto ao bufê e empoleirados sobre um palanque de romaria alguns *Zês-da-Gaita* assassinaem um estáfado *pasa-calle*, que faz as delicias dos garotos. E por sobre tudo isto o obrigado tilintar da campainha, marcando o fim d'uma sessão e o começo d'outra.

Arrastado no turbilhão dos que entram, sinto-me, de repente, não sei como, arrumado para o canto d'um barracão enorme, com estrellas de papel doirado pela parede, entre a obesidade asphixiante duma matrona e o fedorento dandysmo dum parvo, que diz coisas a uma creaturinha tuberculosa, de cabelleira lambidamente arrepanhada. O tercetto, ao fundo, estropia um trecho d'operetta-buffa, que o publico acompanha assobiando. E no panno branco das projecções começa a desfiar-se o programma.

Aproveitando a escuridão, o meu visinho da esquerda repenica um beijo na creaturinha tuberculosa. Affl'ctissima, ella passeia um olhar investigador á roda. Eu faço que a não vejo e a virgem dispensa-se de córar.

Uma gargalhada vem distrahir-me d'este incidente. E' uma anedocta que se desenrôla de córrida no *écran* de linho. Abafa-se. Não supôrto a tal sessão. Vou para casa. Que estu-pidos domingos estes!

JOÃO DE LEBRE E LIMA



Mlle. Marie-Antoinette Aussenac  
(Simile-gravura de Thomaz Bordallo-Pinheiro)

# A submissão das ultimas kabyilas



— 'Então não trabalhas ?  
— Não; por estes dias descançam as ourivesarias em signal de regosijo...

# Papelaria Borges

COIMBRA

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES  
ILLUSTRADOS

**Apparelhos e mais material  
para Photographia**

Para os Ex.<sup>mos</sup> Academicos faz  
preços excepçionaes nos grupos  
de cursos e em retratos, que se  
encarrega de mandar reproduzir  
na Allemanha.

*N. B. — Ha já grande numero  
de assignaturas para encommendas;  
e pôde fornecer amostras de algu-  
mas, executadas com a maxima  
perfeição.*

## Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos  
doces de ovos, e de fructa de to-  
das as qualidades, em seccos,  
crystalisados e em calda.

**Variada pastelaria em todos os generos**

Pudings de diversas qualidades, Pão de  
ló pelo systema de Margaride, Galantines di-  
versas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognacs, Champagnes e Licores finos das  
principaes mareas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates, Bom-  
bons, Drops, Queijos, Chás e artigos de  
novidade

**Unica casa que vende a finissima  
manteiga da QUINTA DE FON-  
TELLO—Paços de Ferreira e os  
deliciosos rebuçados de fru-  
etas especialidade da Pada-  
ria FARIA do Porto**

**150, Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA**

Telephone n.º 23



## Grandes Armazens do Chiado



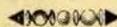
**E' o estabelecimento  
que melhor e mais bara-  
to vende em**

# Coimbra

## Rua Ferreira Borges



## A Elegancia de COIMBRA



### SAPATARIA DE

MANUEL TEIXEIRA

Rua Infante D. Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo  
o Paiz, não recommenda o seu fa-  
brico.

## DROGARIA VILLAÇA

**Coimbra**

Completo sortido de drogas, productos chimicos  
e pharmaceuticos.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios

### LOUIS FONTAINE

Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMMISSÕES

Provisoriamente

28, Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

# Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

entrada pela Moura da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

O mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de *modas, chapéus, confecções, lanificios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos*. Ateliérs de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

Um dia por mez

**Fazendas de Graça!**

Pedir instrucções nos

**Grandes Armazens de Lisboa**

## LIVRARIA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

23 — Marco da Feira — 25

COIMBRA

Livros portuguezes e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos.**

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para colleccões. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

## ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Souza Nazareth e F.<sup>o</sup>

20 — Rua Ferrelra Borges — 24

COIMBRA

Completo e variado sortido de casemiras para fatos e sobretudos, luvas, collarinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cãche-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

## GRANDE CAFE CONCERTO

Antigo Café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA